

## **A Educação dos Educadores**

Geraldo Ramos Soares<sup>1</sup>

Quem educará os educadores? O primeiro a formular esta pergunta foi Karl Marx (1818-1883), na tese de número três sobre Feuerbach. Nela, Marx (1978, p. 51) afirma:

A doutrina materialista sobre a mudança das contingências e da educação se esquece de que tais contingências são mudadas pelos homens e que o próprio educador deve ser educado. Deve por isso separar a sociedade em duas partes – uma das quais é colocada acima da outra.

A coincidência da alteração das contingências com a atividade humana e a mudança de si próprio só pode ser captada e entendida racionalmente como práxis revolucionária.

A questão recebeu pouca atenção (se a compararmos com os demais aspectos da obra do filósofo alemão) e manteve-se aparentemente sem resposta. No apagar das luzes do século XX, Edgard Morin (2000, p. 95) – que defende o pensamento complexo como resposta a uma sociedade igualmente complexa –, em várias de suas obras, encarou o desafio deixado por Marx, dizendo que quem educará os educadores “[...] será uma minoria de educadores, animados pela fé na necessidade de reformar o pensamento e de regenerar o ensino. São os educadores que já têm, no íntimo, o sentido de missão”. Ainda segundo esse autor:

O caráter funcional do ensino leva a reduzir o professor ao funcionário. O caráter profissional do ensino leva a reduzir o professor ao especialista. O ensino deve voltar a ser não apenas uma função, uma especialização, uma profissão, mas também uma tarefa de saúde pública: uma missão. Uma missão de transição. (MORIN, 2000, p. 101).

O olhar “moriniano” sobre a educação convoca, portanto, a articulação e transformação de saberes e, principalmente, a autoeducação, pois ele sustenta que os educadores “educarão a si mesmos”. Curiosamente, foi exatamente esse o próprio caminho que Karl Marx seguiu. O teórico-crítico do capitalismo assumiu, desde muito jovem, a tarefa de se autoeducar. Isso é possível verificarmos desde a sua adolescência, quando assumiu a tarefa e a responsabilidade de autoliberdaçāo daquilo que o oprimia:

Ponderar esta escolha [escolha da profissão] seriamente é a primeira obrigação de um jovem que começa sua carreira, que não deseja deixar seus mais importantes assuntos ao acaso. Cada um tem um objetivo, um objetivo que para ele ao menos parece grande, se a mais profunda convicção, se a mais íntima voz assim o considera, pois a divindade jamais deixa o mortal sem guia, ela fala suave, mas com segurança. (MARX, 2007, p. 109).

O trecho é de redação do então jovem Marx que, aos 17 anos, comentava os desafios e percalços de quem quer viver por conta própria. Encontra-se também uma preocupação humanista em escolher uma profissão que pudesse contribuir para a melhoria da vida de outros seres humanos. Ao longo de sua vida, o jovem autor dessa redação teria que enfrentar uma variedade de desafios antes de conseguir realizar aquele objetivo que “[...] para ele ao menos parece grande [...]” (MARX, 2007, p. 113).

---

<sup>1</sup> Professor Associado I do Departamento de Sociologia da Universidade Federal da Bahia. Este artigo constitui um capítulo da sua Tese de Doutorado em Educação.

Marx precisou romper com a sua família pequeno-burguesa. Seu pai o considerava um perturbado pelas questões de ordem humanitária, enquanto a mãe cobrava-lhe decisões mais práticas no que dizia respeito à vida profissional. O jovem Marx esquivou-se do Direito, profissão que seu pai queria lhe transmitir, para abraçar sua causa, bem como se esquivou da família: sua mãe, que a história descreve como “extremamente dominadora”, fê-lo afastar-se de sua proteção subjugadora. O jovem Marx conduziu sua vida como tantos jovens:

Pouco trabalhou, gastou muito dinheiro, foi preso por distúrbios noturnos e, para completar o seu temperamento burguês, travou um duelo onde foi ferido acima do olho. Aproveitou ao máximo e em quase todos os sentidos o seu primeiro ano na universidade. (ITURRA, 2011, p. 1).

Suas ideias revolucionárias (que acabaram por afastá-lo da academia), seu temperamento aguerrido e uma variedade de tragédias familiares – precisou encarar a morte de seus filhos e de sua mulher – talharam a vida e a obra de Marx. Viveu experiências de rejeição e teve uma vida inconstante – foi expulso da França (1845), de Bruxelas (1848) e de Colônia (1849). Anos depois, declararia que não se arrependeria de nada, exceto de ter imposto à sua mulher e filhas uma vida de dificuldades.

Marx apresentava uma consciência precoce dos limites impostos pelas estruturas externas e da necessidade de ação diante deles. Na redação supracitada, afirma: “Nem sempre nós poderemos abraçar a profissão para a qual nos consideramos vocacionados; nossas relações no seio da sociedade já começam a existir, em certa medida, antes que nós estejamos em condição de examiná-las.” (MARX, 2007, p. 110). Seu biógrafo mais recente, Francis Wheen, esclarece que, durante toda a sua vida, demonstrou aguda percepção, bem como um forte senso de responsabilidade consigo mesmo e suas várias tentativas de alcançar a liberdade de tais ingerências (MURCHO, 2003).

Os altos e baixos da vida de Marx podem, assim, ser considerados como um processo de expurgo, que permitiu ao filósofo ser capaz de formular e expressar o seu pensamento novo e original – realizar a sua qualidade e sua missão de grande educador, se preferirmos. Ao longo da sua vida, Marx parece ter se esforçado sumamente para romper com todos os condicionamentos que o remetessem às suas origens; fossem familiares, religiosas, de classe ou nacionalidade. Marx precisou despir-se de quem era para entrar para a história como autor de “O Capital” e de todas as mudanças sociais que se seguiriam a ele.

Como sugere Wheen (2001<sup>2</sup> apud MURCHO, 2003), “O Capital” não se resume a ser um tratado econômico, social e político. Constitui-se, principalmente, em uma obra sobre a

---

<sup>2</sup> WHEEN, Francis. *Karl Marx*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

felicidade humana e sobre o fato de ela não poder ser alcançada exclusivamente por um caminho materialista. Ao implicar a sua vida na criação de sua obra, Marx construiu um tratado que se mantém atual. A manifestação da sua qualidade é clara, pois é rara essa coerência entre descobertas científicas e coerência pessoal por parte dos pensadores e cientistas em geral.

Ao questionar “quem educará os educadores”, Marx toca na eterna questão de como dotar a humanidade de uma consciência crítica, uma vez que a ideia dominante de uma época são as ideias de uma classe dominante. Os educadores também precisam ser educados, mas, inevitavelmente, eles terão que ser educados com a matéria da qual foram feitos. Não encontraremos educadores “puros”, construídos fora do mundo, para modificar esse próprio mundo. A relação entre o ser e a consciência, o sujeito e seu processo histórico é, como propõe Marx, dialética, contínua, em permanente processo de transformação.

Não existe transformação do processo real sem a transformação do processo de entendimento do real – é neste sentido que os educadores precisam ser educados permanentemente.

Para Marx, os homens não podem ser concebidos desencarnados de suas identidades sociais, materiais, religiosas, políticas. É esse o homem que precisa ser transformado nas suas relações sociais. Quem vai educá-los? A resposta de Marx é múltipla. Ele não concebe a educação como puramente instrucional. Os processos revolucionários são educadores, são destruidores da antiga ordem, mas também podem acabar abrindo espaço para a restauração, como foi o caso da Revolução Francesa.

Na verdade “os educadores” é uma grande metáfora para falar não apenas dos pedagogos e professores, mas também dos partidos políticos, associações, dos indivíduos que não são acadêmicos, mas que são homens públicos que ajudam a educar. Em Marx, quem educará os educadores não tem uma única resposta.

Se perdermos essa dimensão do indivíduo na totalidade processual, reproduziremos o erro de acreditar que um grande ser iluminado, de fora, será capaz de produzir a transformação nas estruturas sociais. Os professores e pesquisadores têm muito essa ilusão – a ilusão de Platão de que o esclarecimento tiraria os companheiros da caverna. Não foi inútil a sua concepção, que apontava para a crítica aos mitos e para a necessidade do conhecimento rigorosamente científico, no entanto o seu intento não foi alcançado, por não perceber o caráter contraditório do próprio conhecimento gerado em uma sociedade

desigual. Mas não deixa de ser um momento importante na história do pensamento que está ocupado em transformar os educadores.

Assim, a preocupação com uma pedagogia que eduque o homem está presente em Marx desde cedo. Ele define cedo a sua ética pedagógica, porque ele não pode conceber a educação fora de uma ética que não seja a busca da felicidade, ainda que isso seja uma grande abstração. Feliz seria o homem emancipado, desalienado. Não existe desalienação sem autoconhecimento, conhecimento e difusão de conhecimento. Ainda que Marx tenha situado como prioritária a desalienação no âmbito da vida material, essa primeira libertação exige não apenas a posse dos meios de produção como a apropriação do conhecimento. Isso está muito presente no jovem Marx. Ele está muito marcado pela vida judaico-cristã e burguesa, pela segregação social e pela construção de modelos de ideais do indivíduo bem-sucedido. O pai dele queria que ele fosse um grande magistrado. Ele estudou Direito, mas, no final das contas, não conseguia se realizar, ser feliz.

Marx foi se formando de modo muito precoce. Para ele, a ideia de felicidade não se construiu de forma quimérica e como acomodação pequeno-burguesa; ao contrário, desde cedo, percebeu que esta só poderia ser vivida em consonância com objetivos que extrapolassem sua existência individual. Por isso, a opção por uma profissão que o levasse a lutar e ajudar na construção da felicidade de um maior número de pessoas. Essa preocupação já aparecia, na adolescência, de forma embrionária, e só ocorreu plenamente quando, aos 23 anos, em um patamar elevado de seu pensamento, desenvolveu o conceito de alienação quando observava a impossibilidade da felicidade no homem alienado, ou seja, desprovido de sua própria força de trabalho, da sua consciência, sem ser o dono de si mesmo. Ele perseguiu isso durante toda a sua vida.

Marx era um pensador extremamente comprometido. Ele fugia do perfil de intelectual convencional de sua época, pois tentou, todo o tempo, combinar teoria e prática, razão e sentimento, não apenas na atividade política, já que vivia suas ideias e, sobretudo, empenhou-se na tarefa de erradicar a exploração, o sofrimento e a humilhação sentidos pelo povo e por ele mesmo.

Podemos dizer com certeza que Marx educou a si mesmo porque atuou bastante sobre si mesmo e, certamente por causa disso, seu pensamento único e original reverberou (e ainda reverbera) tão fortemente nas pessoas. Embora não tenha entrado para a história

por isso, foi um grande educador, emblemático, pois assumiu a responsabilidade de conhecer a si mesmo, educar-se, descobrir-se como indivíduo independente e autônomo.

### **Referências bibliográficas**

ITURRA, Raul. *Genealogia de Karl Marx e a sua disciplina de vida*. 2011. Disponível em: <<http://aventar.eu/2011/01/02/genealogia-de-karl-marx-e-a-sua-disciplina-de-vida/>>. Acesso em: 10 maio 2013.

MARX, Karl. Observação de um jovem na escolha da profissão. Tradução Marcos José de Araújo Caldas. *Revista Universidade Rural: Série Ciências Humanas*, Seropédica, Rio de Janeiro, v. 29, n. 2, p. 103-117, jul./dez. 2007. (1. ed. 1835). Disponível em: <<http://www.editora.ufrj.br/revistas/humanasocialis/rch/rch29n2/103-117.pdf>>. Acesso em: 11 maio 2013.

MARX, Karl. Teses contra Feuerbach. In: MARX, Karl. *Os Pensadores*. São Paulo: Victor Civita, 1978. p. 51-53.

MORIN, Edgar. *A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Tradução Eloá Jacobina. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

MURCHO, Desidério. A lógica de Marx. Mar. 2003. Disponível em: <[http://criticanarede.com/lds\\_marx.html](http://criticanarede.com/lds_marx.html)>. Acesso em: 10 maio 2013.